

A DINÂMICA DEMOGRÁFICA EM FRANCA-SP, SÉCULO XIX*

*Máisa Faleiros da Cunha***

Resumo: O artigo busca apontar os possíveis imbricamentos entre o crescimento populacional e a dinâmica demográfica (natalidade, mortalidade, migração e nupcialidade) verificados no município de Franca-São Paulo entre 1805-1888 à luz de processos socioeconômicos mais amplos, à localização geográfica, à disponibilidade de terras e de recursos naturais. As fontes utilizadas são os registros paroquiais (batismo, óbito e casamento), relatos de viajantes, almanaques e informações censitárias. Nossa análise destaca o papel dos fluxos migratórios no efetivo povoamento de Franca e as elevadas taxas de crescimento natural da população no período considerado.

Palavras-chave: Crescimento populacional. Dinâmica demográfica. Franca-SP. Século XIX.

The demographic dynamics in Franca-SP, in the XIXth Century

Abstract: The article seeks to identify the possible connections between population growth and demographic dynamics (birth, mortality, migration and marriage) observed in the city of Franca São Paulo State from 1805 to 1888 based on broader socioeconomic processes, geographical location, availability of land and natural resources. The sources used are parish registers (baptism, death and marriage), travelers' reports, almanacs and census information. Our analysis highlights the role of migration in effective settlement of Franca and high natural growth rate of population in the period considered.

Keywords: Population growth. Population dynamics. Franca-SP. Nineteenth century.

La dinámica demográfica en Franca-SP, siglo XIX

* Gostaria de agradecer aos colegas Maria Sílvia Bassanezi e Lélío Luiz Oliveira pelas sugestões e comentários.

** Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó", Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas-SP, Brasil (maisa@nepo.unicamp.br).

Recebido em: 01/02/2015 – Aceito em: 08/07/2015.

Resumen: El artículo pretende señalar las posibles imbricaciones entre el crecimiento poblacional y la dinámica demográfica (natalidad, mortalidad, migración y matrimonios) verificados en la ciudad de Franca-São Paulo entre 1805-1888 a la luz de procesos socioeconómicos más amplios, la ubicación geográfica, la disponibilidad de tierras y de recursos naturales. Las fuentes utilizadas son los registros parroquiales (bautismo, muerte y matrimonio), relatos de viajeros, almanaques e información del censo. Nuestro análisis pone de relieve el papel de los flujos migratorios en la efectiva colonización de Franca y las altas tasas de crecimiento natural de la población en el período considerado.

Palabras clave: Crecimiento poblacional. Dinámica demográfica. Franca-SP. Siglo XIX.

Introdução

O artigo focaliza o crescimento populacional e a dinâmica demográfica do município de Franca, no estado de São Paulo, entre os anos de 1805 e 1888 à luz de processos socioeconômicos mais amplos, à localização geográfica, à disponibilidade de terras e de recursos naturais. Esta localidade se estabelece a partir do caminho para as minas de Goiás e Mato Grosso. Dada a distância da capital, assim como o relevo e a qualidade do solo, se caracterizou por apresentar uma economia relativamente dinâmica voltada para o abastecimento interno e a criação de animais, em um momento de expansão da agricultura de exportação em terras paulistas.

A análise apresentada no decorrer do artigo é uma tentativa de entender a ocupação de uma parte do território de São Paulo levando em conta as especificidades locais e regionais que marcaram a trajetória de seu povoamento e crescimento populacional.

Ao longo do século XIX, Franca vivenciou um acentuado crescimento demográfico, sofreu diversos desmembramentos territoriais e ampliou sua economia voltada ao abastecimento interno. Num primeiro momento, o fluxo de migrantes, oriundos principalmente de Minas Gerais, teve destacado papel na ocupação e povoamento do território. Com o arrefecimento da vinda de migrantes, as elevadas taxas de natalidade (já observadas

desde meados da primeira metade dos oitocentos) garantiram o crescimento populacional.

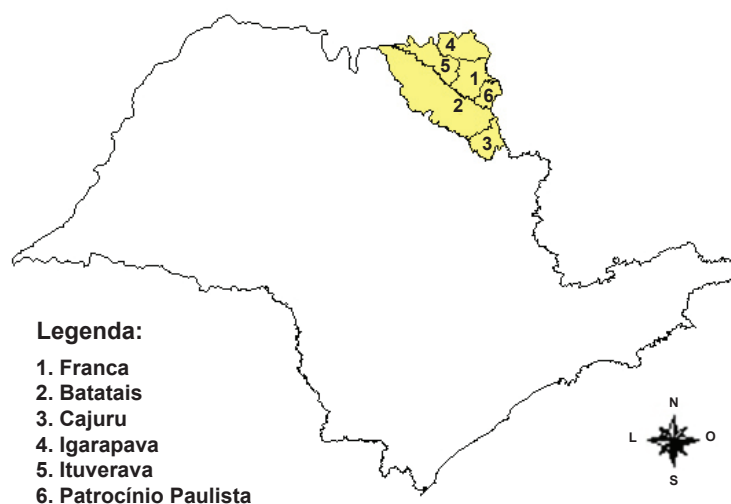
As fontes utilizadas são os registros paroquiais (batismo, casamento e óbito), os relatos de viajantes, os almanaques, a Lista Nominativa de Habitantes (1835-36), o *Ensaio Estatístico* publicado por Müller (1923) e o Recenseamento de 1872. Também consultamos a coletânea *São Paulo do passado: dados demográficos* (BASSANEZI, 1998), na qual se encontram transcritas e sistematizadas as informações dos levantamentos populacionais para a Província/Estado de São Paulo publicados e realizados entre 1836 a 1920.

Localização e Economia

O município de Franca localiza-se no norte paulista (Figura 1) e integra o que foi chamado originalmente *de Sertão do Rio Pardo*¹. Em 1805, Franca foi elevada a freguesia, em 1824 a Vila e em 1856 a cidade. Essa região apresentou crescimento econômico e demográfico no século XIX, mesmo antes da chegada dos trilhos da estrada de ferro da Companhia Mogiana (1887) e do desenvolvimento da cafeicultura em escala comercial, o que só ocorreu nos anos 1890.

¹ O termo *Sertão do Rio Pardo* é encontrado nos documentos da época, como as listas nominativas de habitantes e os relatos dos viajantes estrangeiros que percorreram o interior do Brasil na primeira metade do século XIX.

FIGURA 1 – Estado de São Paulo e Região Norte



Fonte: SÃO PAULO. Secretaria de Economia e Planejamento/Coordenadoria de Planejamento Regional/Instituto Geográfico e Cartográfico, 1995.

Na maior parte do século XIX as principais atividades econômicas desenvolvidas em Franca foram a pecuária, a produção de gêneros da terra voltados para o abastecimento interno, o comércio do sal e uma produção razoável de tecelagem, a qual ultrapassava o consumo interno, como observou o atento viajante francês Saint Hilaire:

Os francanos cultivavam, fabricavam, em suas propriedades, tecidos de algodão e de lã, e aplicavam-se especialmente à criação de gado vacum, de porcos e de carneiros. [...] [A] criação de gado vacum, no distrito

de Franca, tomou grande incremento, e, em 1838, esse distrito era um dos que forneciam mais gado bovino (SAINT HILAIRE, 1972: 101)².

De acordo com as listas de população³ do Sertão do Rio Pardo e Freguesia de Franca:

em 1801, as principais atividades econômicas eram a agricultura, a pecuária e a mineração. Em 1820, a lavoura e a criação de animais continuaram a ser importante fonte de renda, porém houve o acréscimo de atividades de caráter mercantil com a presença de negociantes e comerciantes de sal (OLIVEIRA, 2011: 16).

Na década de 1820, Franca já se destacava pela criação de gado vacum como comprova o *Assentamento de Gados*, realizado em 1829. Segundo essa fonte, foram arrolados 688 criadores que possuíam juntos 37.768 cabeças de gado⁴.

A economia francana no século XIX não dependia apenas da criação de animais. O viajante Luiz D'Alincourt, passando pelo Caminho dos Goiazes em 1823, escreveu as seguintes considerações a respeito dos moradores do Termo de Franca:

[...] industriosos e trabalhadores; fazem diversos tecidos de algodão; boas toalhas, colchas e cobertores; fabricam pano azul de lã muito sofrível; chapéus; alguma pólvora; e até já tem feito espingardas; a sua principal exportação consta de gado vacum,

² Saint Hilaire passou por Franca-SP em 1819, mas atualizou seus relatos de viagem anos mais tarde utilizando-se dos dados levantados por Daniel Pedro Muller em 1835-1836 e publicados em 1838.

³ Conjunto de levantamentos populacionais realizados na Capitania/Província de São Paulo a partir da segunda metade do século XVIII com objetivos fiscais e militares.

⁴ A Lista de Criadores encontra-se publicada em Brioschi et al. (1991: 277-293).

porcos e algodão, que levam a Minas; plantam milho, feijão e outros legumes para o consumo do país (D'ALINCOURT, 1950 *apud* BACELLAR; BRIOSCHI, 1999: 75).

A diversificação da produção e ocupacional em Franca já era observada no ano de 1829 quando, segundo a Lista Nominativa de Habitantes, foram arrolados 80 agricultores, 56 artistas, 45 negociantes e 38 jornalheiros (NASCIMENTO; MOREIRA, 1943). Em 1836, havia um total de 98 pessoas empregadas em ocupações diversas além da agropecuária, sendo 30 carpinteiros, 18 alfaiates, 18 tecelões, 16 ferreiros, 11 sapateiros, oito seleiros, quatro ourives, quatro músicos, quatro pedreiros, um pintor e sete sacerdotes (MÜLLER, 1923). Tais informações atestam que no município de Franca, paralelamente à atividade agropecuária, havia atividade comercial que envolvia também o tropeirismo e várias oficinas artesanais.

Em 1836, na Província de São Paulo, Franca e Itapeva eram as únicas localidades que ultrapassaram uma centena de fazendas de criar [animais], 176 e 167 respectivamente. Se os dados de Müller forem corretos, de um total de 501 fazendas de criar arroladas por ele na província, aproximadamente 35% delas encontravam-se em Franca (MÜLLER, 1923).

A venda de gado para o Rio de Janeiro era uma das formas de comercializar os animais criados nas pastagens entre os rios Pardo e Grande. Em sua passagem pela região em 1819, Saint Hilaire já observara que para a comercialização do gado os fazendeiros:

[...] mais ricos enviam suas crias, por sua própria conta, à capital do Brasil, e os negociantes da Comarca de São João del-Rei vão comprar nas próprias fazendas o gado dos criadores menos prósperos. Um grande número de bois da região é enviado também para as redondezas de São Paulo, onde são usados no trabalho dos engenhos de açúcar (SAINT HILAIRE, 1972: 86).

Para os pequenos produtores não havia alternativa que a de entregar seu gado aos intermediários mineiros, mas para os grandes criadores havia a possibilidade de levar seu gado diretamente até a Corte. As estradas de Minas Gerais serviam para o escoamento do gado de Franca rumo à Corte e ao vale do rio Paraíba. Além do gado vacum, a criação de porcos também foi uma das atividades de maior destaque no norte paulista.

Franca era dos maiores produtores de suínos da Província por volta de 1820 (HOLANDA, 1976: 114). Em 1836, o gado suíno de Franca representava 8,1% do total da vara paulista (MÜLLER, 1923).

O toucinho era um produto com grande demanda para o consumo doméstico nos oitocentos em todo o Brasil e mostrou-se uma atividade rentável, destacando-se a Província de Minas Gerais como uma das principais exportadoras deste produto. Certamente muitos migrantes de Minas Gerais perpetuaram essa atividade em Franca.

A produção do excedente de feijão, arroz, toucinho, algodão e outros gêneros, era destinada ao comércio com os viandantes que percorriam a Estrada dos Goias e também à troca por produtos não fabricados pela população local (como o sal) nas cidades de Campinas e São Paulo. O gado vacum era destinado aos engenhos de açúcar para tração/transporte e para o consumo da população no Vale do Paraíba e no Velho Oeste Paulista.

Além da produção agrícola, havia espaço para atividades tidas, em geral, como urbanas como demonstra o Almanaque da Província de São Paulo para 1873. Neste é citada a existência de seis advogados, dois farmacêuticos, 12 negociantes de fazendas, ferragens, armarinho, molhados e louças, seis armazéns de sal, oito armazéns de molhados e 17 armazéns de molhados e gêneros do país, além de 84 fazendeiros (LUNE; FONSECA, 1985). No setor de artes, indústrias e ofícios arrolou três alfaiates, dois caldeireiros, quatro carpinteiros, dois ferradores, quatro ferreiros, dois marceneiros, seis sapateiros, quatro seleiros.

Em 1886, poucos anos antes da abolição da escravidão, um novo levantamento realizado na Província de São Paulo dava conta

de que em Franca havia uma grande criação de bovinos (cerca de 12.000 cabeças ao ano), equinos e muares (duas a três mil cabeças); o café produzido alcançara no ano 900.000 kg, o açúcar 60.000 Kg e o fumo 37.500 Kg (RELATÓRIO, 1888).

Crescimento populacional e dinâmica demográfica

É a partir de uma conjuntura de ampliação dos mercados de abastecimento e das áreas agroexportadoras que devemos contextualizar o povoamento efetivo de Franca. Na última década do século XVIII, acentuando-se, sobretudo, nas primeiras décadas do século XIX, o fluxo migratório de Minas Gerais garante o efetivo povoamento da região norte paulista.

Com a decadência da mineração de ouro e diamantes em Minas Gerais, a partir da segunda metade do século XVIII⁵, a Metrópole ocupou-se em buscar novos recursos a serem explorados na Colônia. A agricultura de exportação mostrou-se a alternativa mais atrativa, especialmente o algodão e o açúcar, produtos cuja demanda internacional encontrava-se em alta.

Na Capitania de São Paulo, essa época foi marcada pelo florescimento da lavoura canavieira e dos engenhos de açúcar em seu território, decorrente da revolução de escravos ocorrida em um dos principais fornecedores de açúcar, a (ex)colônia francesa do Haiti. Nesse momento, a economia colonial congregava seus lucros com a exportação de produtos tropicais, refletindo seu dinamismo para as mais diversas regiões. Ao mesmo tempo, a produção de gêneros para o mercado interno progredia, para atender ou

⁵ A exportação de ouro cresceu em toda a primeira metade do século [XVIII] e alcançou seu ponto máximo em torno de 1760, quando atingiu cerca de 2,5 milhões de libras. Entretanto, o declínio no terceiro quartel do século foi rápido e, já por volta de 1780, não alcançava um milhão de libras. O decênio compreendido entre 1750 e 1760 constituiu o apogeu da economia mineira, e a exportação se manteve então em torno de dois milhões de libras (FURTADO, 2001: 78).

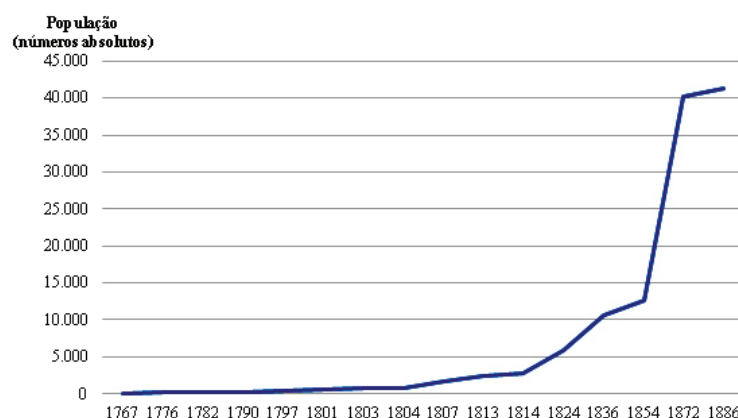
complementar o abastecimento daquelas áreas exportadoras e da Corte, estabelecida no Rio de Janeiro em 1808. A abertura dos portos às nações amigas, nesse mesmo ano, contribuiu para intensificar as trocas comerciais no Brasil.

O movimento de mineiros em direção ao *Sertão do Rio Pardo*, portanto, situou-se no contexto de ampliação da fronteira de pecuária e agricultura de abastecimento de Minas Gerais em direção a São Paulo, assim como na busca por novas faisqueiras, impulsionada pela decadência da mineração. Ampliar a fronteira em um momento de procura internacional pelos produtos coloniais foi a forma encontrada para garantir a produção em terras ainda escassamente povoadas e relativamente férteis (LENHARO, 1979).

A população se expandiu de modo acelerado na Freguesia e, posteriormente, Vila Franca do Imperador (Figura 2). A evolução administrativa e política desse município modificou-se concomitantemente ao crescimento populacional e à expansão econômica da região no decorrer dos oitocentos, quando diversos desdobramentos territoriais modificaram suas divisas. Em 1839, a freguesia de Batatais foi elevada a Vila (da qual se desmembrou Cajuru em 1865), assim como Igarapava (1873), Patrocínio Paulista e Ituverava (ambos em 1885)⁶ (BASSANEZI, 1998, v. I: 233-234).

⁶ Para fins comparativos, agregamos os dados das cinco localidades. Quando usarmos o termo “território original” estamos nos referindo às informações de Franca, Batatais, Igarapava, Ituverava e Patrocínio Paulista conjuntamente.

FIGURA 2 – Evolução da população total (livres e escravos). Sertão, Freguesia do Rio Pardo/ Vila Franca/ Território original – 1767-1886



Fonte: 1767 a 1797 – Maços de População do Termo de Mogi Mirim (BRIOSCHI, 1995: 112). Para 1767, os dados se referem apenas à população livre. 1801 e 1807 – Maços de População (BACELLAR, BRIOSCHI (Org.), 1999: 70). 1803, 1804, 1813, 1814 e 1824 – Maços de População (CHIACHIRI FILHO, 1986: 186). 1836: MÜLLER, 1923.

A partir de 1839, apresentamos a soma da população de Franca e das populações das localidades desmembradas, o que denominamos território original. 1854-1886 – BASSANEZI, 1998. Para o ano de 1854, projetamos a população livre dos municípios de Franca e Batatais a partir de dados da Fundação SEADE. A população escrava de 1854 foi projetada a partir da taxa de crescimento de 1,75% ao ano, a mesma encontrada para a população escrava no total da Província de São Paulo para o período 1836-1872 (BASSANEZI, 1998). Para o ano de 1886, estão somadas a população total de Batatais, Cajuru, Franca, Igarapava, Ituverava, Nuporanga (pertencente a Batatais no levantamento de 1886), Patrocínio Paulista e Santo Antônio da Alegria (desmembrou-se de Cajuru, mas aparece em 1886 como pertencendo a Batatais).

Não foi apenas a Vila Franca que cresceu nesse momento. O Brasil, e São Paulo em especial, elevaram sua população. No ano da Independência do Brasil (1822), o território de São Paulo contava com 244.405 habitantes e em 1836, sua população chegou a 326.902 pessoas. Também a participação da população de São Paulo no total da população do Brasil elevou-se no período considerado, passando de 3,92% em 1772 a 5,51% em 1836 (MARCÍLIO, 2000).

Os livres que, em 1801, eram 491, em 1836 chegaram a 7.224 e os escravos passaram de 80 a 3.443, respectivamente, nesses anos. A participação da população escrava no total de habitantes variou entre 32,3% em 1836 e 9,5% em 1886⁷ (CUNHA, 2009: 29-31).

Em 1809, a população da Freguesia era de 1.279 habitantes, predominantemente paulistas. A partir de então, um grande fluxo migratório proveniente de Minas Gerais e também de outros locais da Província de São Paulo alterou o volume e o perfil dessa população. Esse movimento migratório deveu-se não só à decadência das minas, mas também à expansão da lavoura da cana de açúcar que levou roceiros e pequenos proprietários a se deslocarem para os limites do sertão e ao mesmo tempo atraiu para essa fronteira pequenos proprietários das capitâneas vizinhas (BRIOSCHI et al., 1991: 33).

A chegada dos migrantes nas primeiras décadas do século XIX garantiu-lhes a possibilidade de se tornarem proprietários a partir da posse de terras.

A posse, feita conjuntamente por um grupo de famílias, ao que parece, dava-se da seguinte maneira: num determinado local da área apossada, os entrantes (quer fossem dessa ou daquela família) erguiam casas, currais, faziam roças, tiravam rego d'água, iniciavam o plantio, transformando o lugar escolhido no núcleo inicial de irradiação da conquista e posse definitiva de outros recantos da área. Aos poucos, cada família

⁷ Os totais da população escrava presente no território original de Franca são: 3.440 em 1836, 4.714 em 1854 (valores estimados a partir de taxa de crescimento de 1,77% ao ano), 6.461 em 1872 e 3.912 em 1886 (BASSANEZI, 1998).

ia levantando as suas benfeitorias em outras partes das terras e, desse modo, formando suas fazendas (BRIOSCHI et al., 1991: 59).

Migrantes mais capitalizados se valeram da aquisição de escravos africanos para derrubar a mata, queimar o terreno, plantar roças e criar animais. Outros saíram de Minas Gerais com seus escravos ladinos e crioulos rumo a São Paulo. Em princípios do século XIX, Minas Gerais passou a ser a capitania de origem mais representativa entre os escravistas de Franca, seguidos por aqueles naturais de São Paulo.

A partir da segunda década dos oitocentos, os proprietários de escravos naturais de Minas Gerais passam a ser dominantes no nordeste paulista, sendo 93% em 1820 e 1824 e aumentando para 95% em 1829 (OLIVEIRA, 2012: 79).

A participação de migrantes mineiros como chefes de domicílios (homens e mulheres) é um indicativo do quão significativo foi o componente migratório para a composição da população de Franca. Em 1836, de um total de 1.571 domicílios, 72,8% eram chefiados por pessoas naturais de Minas Gerais (CUNHA, 2005: 109).

A Lista Nominativa informa que 34,9% do total de habitantes livres eram oriundos de Minas Gerais e 36,2% já eram nascidos em São Paulo em 1836. Destacamos também a presença (ainda que diminuta, 0,64%) de portugueses e de naturais *das Ilhas* (arquipélago de Açores) estabelecidos no norte paulista.

Ainda que irrisória, a imigração de portugueses e açorianos deve ser destacada, pois há trabalhos que têm apontado a origem portuguesa de famílias oriundas de Minas Gerais que se deslocaram para Franca e redondezas (OLIVEIRA, 2012; CUNHA, 2009).

Além de listas nominativas de habitantes, os registros paroquiais de casamento mostraram-se profícuos ao informar

a localidade de origem dos noivos⁸. No período em que Franca ainda era freguesia (1805-1824), 506 matrimônios de pessoas livres foram realizados na Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Franca. Dentre os nubentes do sexo masculino, 58,3% eram provenientes de Minas Gerais, 17,0% de São Paulo e 8,1% de Goiás. Os estrangeiros representaram 2,6% (destacando-se os portugueses e açorianos) e os naturais de outras capitanias/províncias apenas 1,2%. Para 12,8% de contraentes não há informação sobre a naturalidade. Para as mulheres, foram arroladas apenas três naturalidades: Minas Gerais (58,9%), São Paulo (23,9%) e Goiás (9,5%). Em 7,7% dos registros, não há informação sobre a origem.

Verificamos que Franca atraiu significativo número de pessoas das localidades de mineração aurífera, possivelmente áreas que passavam por uma reestruturação econômica em virtude da decadência das minas nesse primeiro período. Muitos mineiros chegaram a Franca em busca de ouro e diamantes nos córregos e ribeirões da região. Certamente, houve aqueles que não se fixaram no norte paulista e seguiram em busca de novas minas e terras (CUNHA, 2014). É importante ressaltar que uma parte dos “paulistas” já eram os filhos de pais vindos de Minas Gerais que se fixaram em Franca.

No período em que Franca alcançou a condição de Vila (1825 a 1856), os noivos mineiros totalizaram 34,4% (de um total de 1.612 assentos), os paulistas 40,5% e os goianos, 2,7%. Os estrangeiros representaram apenas 1%, e os naturais de outras províncias brasileiras, 0,7%. Cerca de um quinto dos registros omitem a informação de naturalidade dos noivos. Dentre as noivas, temos 58,2% já nascidas na província de São Paulo, 23,6% em Minas Gerais e 2,2% em Goiás. Aquelas nascidas no Rio de Janeiro totalizaram

⁸ De maneira geral, as atas trazem o local e data do evento, o nome dos nubentes, filiação, naturalidade, o nome de duas testemunhas e do oficiante. Outras trazem ainda o horário da cerimônia, local de residência e informam o nome do cônjuge falecido, em caso de noivo (a) viúvo (a). Considerações a respeito do emprego dos registros paroquiais de casamento para o estudo das migrações internas encontram-se em Cunha, 2014.

três casos, apenas uma era nascida na Bahia e outra em Açores. Em 15,7% de registros não houve menção à origem.

O que podemos notar, em relação ao período anterior, é que houve uma nítida diminuição de homens naturais das áreas de mineração. Já as demais áreas de Minas Gerais próximas a São Paulo ou, nem tão próximas assim, mas cujas economias se assemelhavam à verificada em Franca continuaram a fornecer noivos para se unir na paróquia sede da Vila Franca. Com a formação de um novo casal, suas famílias puderam garantir a expansão da rede de sociabilidades e a consolidação de laços já estabelecidos, estreitando vínculos de parentesco, de proteção e de solidariedade.

É somente na segunda metade do século XIX (1857-1888), que os homens de São Paulo passaram a ser maioria dentre os noivos do sexo masculino (54,2%). Em seguida, vieram os mineiros (10,4%). Para as mulheres livres, as nascidas em São Paulo já representavam 65% do total de nubentes, seguidas daquelas de Minas Gerais, 5,6%. Esse período contabilizou o maior número de ocorrências (total de 2.661 casamentos), assim como a mais alta porcentagem de omissão do local de origem, próximo a um terço para os noivos e 30% para as noivas.

As regiões limítrofes ou próximas a Franca (tanto paulistas como mineiras e goianas) forneceram boa parte dos noivos e noivas não naturais de Franca no último período (1857-1888), o que era de se esperar, uma vez que a cidade faz divisa com Minas Gerais e localiza-se próxima a Goiás.

Apesar do significativo número de registros sem informação do local de origem dos noivos, especialmente no último período, os registros paroquiais de casamento mostram-se profícuos para visualizar a mobilidade espacial da população. A partir dos resultados apresentados, podemos verificar que os homens se deslocaram mais do que as mulheres, uma vez que os homens paulistas (parte descendentes de mineiros) se sobrepuseram aos noivos de outras naturalidades apenas na segunda metade do século XIX, o que não se verificou entre as mulheres paulistas, já que estas ultrapassaram as noivas de Minas Gerais no período

anterior (1825-1856). As localidades de Minas Gerais voltadas ao abastecimento interno, assim como aquelas limítrofes ou próximas a Franca foram responsáveis por fornecer a maior parte dos noivos que se uniram na paróquia N. S. da Conceição⁹.

Para a segunda metade do século XIX, é possível consultar o Recenseamento Geral do Império de 1872. Este informa que apenas 4,2% dos moradores livres do território de Franca eram nascidos na Província de Minas Gerais e 90,9% já eram paulistas. Os imigrantes internacionais estavam presentes entre a população de Franca, apesar de pouco representativos, apenas 0,5%. O Censo de 1872 não identifica a nacionalidade estrangeira.

Vimos como o papel dos migrantes internos, com destaque para os originários de Minas Gerais, foi crucial para a ocupação, povoamento e crescimento demográfico de Franca e circunvizinhanças até a década de 1850. Porém, o fluxo não cessou, mas arrefeceu consideravelmente entre 1857-1888. Apesar da diminuição no fluxo migratório, a região de Franca vivenciou acentuado crescimento demográfico após 1854, como demonstra a Figura 2.

O que estaria desestimulando a vinda de novos migrantes para Franca, especialmente aqueles oriundos de Minas Gerais?

Para responder esta questão, apresentamos uma hipótese explicativa que leva em conta dois aspectos: o acesso mais restrito à terra com a Lei de Terras (1854) e o crescimento natural positivo (verificado em Franca desde meados da primeira metade do século XIX).

A Lei de Terras, regulamentada em 1854, instituiu a compra como a única forma de acesso à terra, extinguindo o regime de sesmarias.

Pode-se afirmar que as terras compreendidas entre os rios Pardo e Grande foram, em quase sua totalidade, posseadas durante a primeira metade do século XIX,

⁹ Destacamos que os nubentes (homens e mulheres) de Franca se sobressaem dentre os naturais de São Paulo.

sendo divididas e demarcadas na segunda metade deste mesmo século (BRIOSCHI et al., 1991: 65).

Ao analisar os inventários *post mortem* pertencentes ao Termo de Franca entre 1811-1888, foi possível verificar que as propriedades rurais já se encontravam delimitadas e com frequentes menções às transações de compra e venda já em meados da primeira metade dos oitocentos¹⁰.

Informações qualitativas a respeito da possível emigração de habitantes de Franca nos dão pistas de que a região já não seria mais tão atrativa. Através dos inventários *post mortem*, verificamos que vários herdeiros não se encontravam mais na companhia de seus familiares moradores em Franca. É preciso ressaltar que, em alguns casos, essas informações nos dão apenas indícios de uma possível (e)migração. Há referências de indivíduos ou famílias de Franca que se dirigiram para as regiões Sul, Centro Oeste e outras áreas de Minas Gerais com baixa densidade demográfica, como o Triângulo Mineiro.

A migração se apresentou como uma possibilidade, em especial, para filhos de famílias com elevado número de herdeiros, cuja divisão dos bens impossibilitava a condição de manter-se dono de terras e de dar continuidade às atividades agropastoris¹¹. Também se mostrou uma saída para famílias empobrecidas ou não proprietárias que almejavam a posse de terras.

Após a segunda metade do século XIX, verificou-se a valorização financeira da propriedade fundiária. O preço médio por hectare das terras na região de Franca elevou-se a partir de 1850, passando de 3\$979 (três mil, novecentos e setenta e nove réis) na década de 1850-1859 para 8\$026 (oito mil, vinte e seis réis)

¹⁰ Os inventários *post mortem* encontram-se depositados no Arquivo Histórico Municipal de Franca – SP.

¹¹ Ver o trabalho de Bacellar (1997) sobre o sistema sucessório entre a elite escravista do Oeste Paulista no período 1765-1855 demonstrando que a migração foi uma estratégia adotada pelas famílias para a apropriação de terras na “frente pioneira”.

entre 1870-1879. A entrada do café valorizou as terras de melhor qualidade e o preço médio por hectare saltou de 8\$353 (oito mil, trezentos e cinquenta e três réis) entre 1880-1889 para 28\$656 (vinte oito mil, seiscentos e cinquenta e seis réis) no período 1890-1899 (BRIOSCHI et al., 1991: 234).

É possível que as terras já demarcadas e com tendência de elevação de preços tenham sido um fator de estímulo para as pessoas buscarem novas áreas onde expandir suas atividades voltadas ao abastecimento interno e à criação de gado.

O crescimento demográfico verificado na região de Franca, contou, como vimos, com o papel crucial da migração (especialmente de pessoas livres vindas de Minas Gerais) nas primeiras três décadas do século XIX. Aliado à entrada de migrantes, as significativas taxas de natalidade impulsionaram esse crescimento verificado no território original de Franca entre 1836-1872. Iremos nos ater a 1872, momento em que a presença da lavoura cafeeira ainda era tímida na região de Franca.

Calculamos as taxas brutas de natalidade, mortalidade e nupcialidade¹² para o território original de Franca (1836 e 1854)¹³ e para a paróquia N. S. da Conceição de Franca (1872)¹⁴. É preciso

¹² O cálculo das taxas brutas – de natalidade/mortalidade/nupcialidade – corresponde à divisão do número de nascimentos/mortes/casamentos (respectivamente) em um determinado ano pela população do mesmo ano, multiplicado por mil.

¹³ Os totais da população livre e os nascimentos, casamentos e óbitos para 1836 e 1854 foram retirados de BASSANEZI, 1998. Para a população livre do território de Franca em 1854 temos duas estimativas: 15.630 habitantes (taxa de crescimento de 4,36% ao ano fornecida por Bassanezi) e 12.636 (taxa de crescimento de 3,16% ao ano calculada a partir de informações de população fornecidas pela Fundação SEADE). Assim, para 1854 apresentamos duas taxas brutas de natalidade, mortalidade e nupcialidade em razão da existência de dois totais de população.

¹⁴ Para 1872, também calculamos as taxas duas vezes: a primeira considera apenas os registros de batizado, casamento e óbito referentes ao ano de 1872 e a segunda é uma média aritmética dos registros arrolados em 1872, 1873 e

lembrar que as taxas apresentadas são valores aproximados, especialmente para os anos de 1854 e 1872. Apesar dos problemas evidentes de sub-registro, especialmente de óbitos, as taxas brutas nos fornecem elementos para mensurar o movimento da população.

Para o período analisado, o regime demográfico é marcado pelas precárias formas de controle da natalidade e mortalidade (MARCÍLIO, 2000: 73). Ao se referir às taxas de crescimento extraordinariamente elevadas em São Paulo entre fins do século XVIII e 1836, Marcílio destaca o fator imigração de livres, mas chama a atenção para a importância das taxas de natalidade extremamente elevadas na região (MARCÍLIO, 2000: 73).

Como a região não presenciou crises de abastecimento ou de mortalidade (devido a guerras ou epidemias), o balanço entre nascimentos e mortes foi positivo e constante ao longo do tempo.

Taxas de natalidade situando-se entre 50 e 55 nascimentos por ano, para cada mil habitantes livres são consideradas extremamente elevadas (MARCÍLIO, 2000: 89-91). Foram valores próximos a esse intervalo que a autora encontrou em São Paulo e que também verificamos em Franca (Tabela 1).

1874. Tomamos esta cautela para minimizar oscilações de um ano para outro, bastante comuns nas séries de registros. Para 1872, calculamos as taxas a partir dos dados de população informados para a paróquia de Franca (6.818 habitantes) e os registros de batismo, óbito e casamento também restritos à paróquia sede (Nossa Senhora da Conceição de Franca).

TABELA 1 – Taxas Brutas de natalidade, mortalidade e nupcialidade por mil habitantes livres. Território original de Franca e Paróquia de Franca. 1836, 1854 e 1872.

Taxas brutas (por mil habs. livres)	1836	1854*		1872**	
		> pop	< pop	1872	∑1872-1874
Natalidade	52,5	46,4	57,4	48,3	57,0
Mortalidade	20,2	21,4	26,5	20,4	21,2
Nupcialidade	16,1	9,4	11,6	10,6	12,3

Fonte: Bassanezi, 1998 e Arquivo da Cúria Diocesana de Franca-SP. Registros paroquiais.

* Não constam dados para os municípios de Franca e Batatais, assim utilizamos estimativas. > pop = maior população e < pop = menor população. A nota 13 esclarece os totais (maior e menor) de população utilizados.

** Ver nota 14. Consideramos apenas a população da Paróquia de Franca arrolada em 1872. 1872 = registros anotados para o ano de 1872. ∑1872-1874 = média aritmética dos registros para os anos de 1872, 1873 e 1874. Apenas para os óbitos, utilizamos a média aritmética para os anos 1872-1873 em virtude da brusca oscilação e má qualidade dos dados para o ano de 1874.

Outras localidades de São Paulo apresentaram taxas brutas de natalidade significativas: em Ubatuba foi de 47,6 nascimentos por mil habitantes em 1818, em Campinas chegou a 53 por mil em 1794 e à robusta cifra de 70 por mil em 1814 (TEIXEIRA, 2011: 59).

Para explicar as elevadas taxas de natalidade, Marcílio apresentou duas hipóteses. A primeira seria de que as taxas de nupcialidade seriam muito altas, com idade ao casar da mulher muito precoce e insignificantes proporções de celibato feminino definitivo; ou níveis de nascimentos ilegítimos em proporções elevadas.

A taxa bruta de nupcialidade por volta de 10%, como a encontrada entre a população livre de São Paulo entre 1798-1836, é considerada elevada (MARCÍLIO, 2000: 91). No caso de Franca, temos momentos em que as taxas de nupcialidade eram

semelhantes ou superiores a 10%, chegando a 16,1% em 1836. Em Campinas, para os anos de 1794 e 1814, foram encontrados os valores de 11,7% e 22,7%, respectivamente (TEIXEIRA, 2011: 85-6). Taxas de nupcialidade elevadas refletem a realização de casamentos, que por sua vez, geram muitos nascimentos.

As taxas brutas de mortalidade verificadas em Franca apresentaram valores abaixo do esperado em sociedades pré-modernas, ou seja, 30-40 mortes por mil habitantes (em anos normais). Tendo tais valores como baliza e em razão do pronunciado sub-registro, os valores observados em São Paulo (27,7 e 29,5 por mil respectivamente em 1818 e 1836) foram desconsideradas por Marcílio (2000: 90). Em Campinas, para o ano de 1794, a cifra foi de apenas 17 por mil e de 38 por mil para o ano de 1814 (TEIXEIRA, 2011: 107). Os dados de mortalidade devem ser utilizados com cautela e exigem um tratamento mais apurado em razão dos inúmeros eventos não registrados, especialmente os óbitos de crianças em tenra idade.

A dinâmica demográfica de São Paulo (como um todo) e da região de Franca (em particular) foi marcada pela presença da imigração (de livres e escravos) e de elevadas taxas de natalidade. Os trabalhos citados baseiam-se em informações presentes nas listas nominativas de habitantes ou maços de população, que por sua vez, deixam de ser produzidos a partir de 1836. Nosso trabalho, ao trabalhar com fontes variadas, busca dimensionar as mudanças demográficas vivenciadas entre 1836 e 1872, período que vivenciou um crescimento populacional, mas que é anterior à entrada do café na região de Franca.

Apesar das lacunas e dos problemas que as fontes apresentam, consideramos um exercício frutífero mensurar as taxas brutas de natalidade, mortalidade e nupcialidade, uma vez que tais indicadores nos informam a respeito do movimento da população e refletem suas experiências de viver e reproduzir-se, de nascer e de morrer. As cifras expostas indicam que os nascimentos e as mortes eram fenômenos triviais no cotidiano da população pretérita, no entanto, o balanço entre nascimentos e mortes favoreceu o crescimento natural.

A análise regional busca demonstrar as especificidades observadas em Franca, assim como apontar as tendências semelhantes verificadas em outras áreas e em São Paulo como um todo.

O ritmo e a intensidade do crescimento demográfico em São Paulo variaram ao longo do tempo e do espaço, sendo mais ou menos pujantes de acordo com a entrada de migrantes (livres e escravos), as taxas brutas de natalidade e de mortalidade. As áreas voltadas à agroexportação (Campinas, por exemplo) vivenciaram a entrada de maciça de africanos escravizados, assim como atraíram muitos livres nacionais e estrangeiros, cujas taxas de natalidade e nupcialidade mostraram-se vigorosas, muitas vezes superiores a outras áreas cuja economia se baseou no abastecimento interno, a exemplo de Franca.

Considerações finais

A expansão agrária vivenciada por São Paulo entre fins do século XVIII e começo do XIX estendeu-se para as áreas consideradas de “*Sertão*”. A região de Franca, localizada no caminho da Estrada dos *Goiases*, passou a integrar o mercado de abastecimento interno que se ampliou no Brasil, para atender às demandas da Corte instalada no Rio de Janeiro e de áreas agroexportadoras.

A migração foi elemento crucial no processo de seu povoamento. Os migrantes, vindos especialmente de Minas Gerais, se instalaram nas terras relativamente férteis, irrigadas e escassamente povoadas do norte de São Paulo. Num primeiro momento, os mineiros vieram em busca de ouro e diamantes nos córregos da região, para em princípios do século XIX, ampliarem as fronteiras da economia de subsistência e de criação de gado já praticadas em outras áreas do sul de Minas Gerais. O fluxo dos migrantes mineiros foi significativo e deixou suas marcas em diversas fontes, dentre as quais, os registros paroquiais de casamento, as listas nominativas de população e os censos de população. Nas primeiras décadas do século XIX, os chefes

de domicílio da freguesia e posterior Vila Franca eram em sua maioria nascidos em Minas Gerais. Em 1836, já é possível observar a importância dos paulistas dentre os habitantes de Franca, no entanto, merece destaque que muitos desses paulistas eram filhos ou netos de mineiros.

As famílias que se constituíram em Franca através do casamento religioso entre 1806-1824 eram majoritariamente formadas por noivos e noivas nascidos em Minas Gerais. No período em que Franca ascendeu à categoria de Vila (1825-1856), os noivos paulistas passaram a ser mais significativos do que os mineiros, mas ainda é possível observar a forte presença de mineiros. As noivas paulistas já haviam suplantado as mineiras quando Franca ainda era Vila. No último período aqui analisado (1857-1888), as nascidas em São Paulo ampliaram sua participação dentre aquelas que se casaram em Franca, assim como os homens paulistas passaram a ser maioria dentre os noivos.

Se num primeiro momento de ocupação efetiva do território de Franca, a migração foi crucial, já em meados da primeira metade do século XIX, as elevadas taxas de natalidade (superiores às de mortalidade) garantiram o crescimento natural. A partir da década de 1850, a Lei de Terras e o fim do tráfico de escravos africanos contribuíram para a valorização da propriedade da terra, o que acabou por restringir o seu acesso.

As terras já se encontravam delimitadas e com tendência à elevação de preços no território de Franca a partir da segunda metade do século XIX. Estes podem ter sido fatores que estimularam, por um lado, francanos a buscarem novas áreas para a expansão de atividades voltadas ao abastecimento interno e à criação de gado e, por outro, desencorajado a vinda de novos migrantes para a região.

A migração de mineiros para o território de Franca arrefeceu, como atestam os registros de casamento e o Censo de 1872, mas o crescimento demográfico mostrou-se vigoroso. As significativas taxas brutas de nupcialidade e de natalidade observadas em Franca refletiram a formação de famílias e a reprodução social e biológica.

O balanço entre nascimentos e mortes favoreceu o crescimento natural.

São Paulo como um todo e suas localidades em particular vivenciaram movimentos de população semelhantes, embora, seus ritmos e intensidade variassem de acordo com outros fatores, tais como o contexto econômico, a disponibilidade e qualidade das terras e a localização geográfica.

Referências

- BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Org.). *Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.
- BACELLAR, C. A. P. *Os senhores da terra: família e sistema sucessório entre os senhores de engenho do Oeste Paulista, 1765-1855*. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP, 1997.
- BASSANEZI, M. S. C. B. (Org.). *São Paulo do passado: dados demográficos*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 1998.
- BRIOSCHI, L. R. *Criando história: paulistas e mineiros no Nordeste de São Paulo (1725-1835)*. São Paulo, 1995. 268f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- BRIOSCHI, L. R. et al. *Os entrantes no Sertão do Rio Pardo: o povoamento da freguesia de Batatais: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: CERU, 1991.
- CHIACHIRI FILHO, J. *Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador*. Ribeirão Preto: Ribeira, 1986.
- CUNHA, M. F. Estudo das migrações internas no norte paulista, século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 19., 2014, São Pedro, SP. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 2014.

- CUNHA, M. F. *Demografia e família escrava*. Franca-SP, século XIX. Campinas, 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- CUNHA, M. F. *Fogos e escravos da Franca do Imperador no século XIX*. Campinas, 2005. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- D’ALINCOURT, L. Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuyabá. *Anais do Museu Paulista*, Tomo XIV, p. 253-354, 1950 apud BACELLAR, C. A. P.; BRIOSCHI, L. R. (Org.). *Na estrada do Anhanguera: uma visão regional da história paulista*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.
- FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. 30.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- HOLANDA, S. B. *Monções*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976.
- LENHARO, A. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- LUNE, A. J. B.; FONSECA, P. D. (Org.). *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Edição Fac-similar/Imprensa Oficial do Estado S. A. – IESP, 1985.
- MARCÍLIO, M. L. *Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 2000.
- MÜLLER, D. P. (Org.). *Ensaio d’um quadro estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo: Reedição Litteral Secção de Obras d’ "O Estado de São Paulo", 1923.
- NASCIMENTO, H. A.; MOREIRA, E. (Org.). *Almanaque histórico de Franca: obra de compilação histórica do município em seus vários aspectos*. Franca: Tipografia "Renascença", 1943.
- OLIVEIRA, M. C. *Dinâmica populacional no Sertão do Rio Pardo (1801-1829)*. Franca, 2012. Dissertação de Mestrado –

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

OLIVEIRA, M. C. *Dinâmica populacional no Sertão do Rio Pardo (1801-1829)*. Franca, 2011. Relatório de Qualificação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RELATÓRIO apresentado ao Exm. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Central de Estatística. São Paulo: Leroy King Bookwalter/Typographia King, 1888.

SAINT HILAIRE, A. *Viagem à Província de São Paulo*. Trad. de: Rubens Borba de Moraes. São Paulo: Martins Fontes/EDUSP, 1972.

TEIXEIRA, P. E. *A formação das famílias livres: Campinas, 1774-1850*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.